

O diplomata de São Vicente

Ralph Hakkert¹

Alguns anos atrás, num Encontro da ABEP, José Alberto fez uma homenagem a um colega recém-falecido. Ele falou com tanta convicção e tanto carinho que uma companheira sentada do meu lado suspirou: "Eu tenho que dar um jeito de morrer antes do Zé, para ir para a eternidade com um discurso desses, pois eu não conseguiria fazê-lo do jeito que ele fez". Compartilho o sentimento, mas é preciso tentar.

Antes de encontrá-lo em pessoa, eu já conhecia o Zé do artigo "Mortality, income distribution and rural-urban residence in Brazil", escrito com Charles Wood, no *Population and Development Review* de 1978, que na época foi uma fonte de inspiração para muitos demógrafos jovens como eu, que queriam retratar as dimensões demográficas das desigualdades socioeconômicas. Mas só o encontrei pela primeira vez em pessoa em 1980, no antigo prédio da Face (Faculdade de Ciências Econômicas), no centro de Belo Horizonte. Eu estava procurando um tema para a minha tese de Doutorado e queria ver se havia alguma possibilidade de fazê-lo no Cedeplar. Me senti um pouco intimidado por aquele senhor alto, de voz de barítono que nunca parecia perder a compostura. Claro, depois eu conheci o outro lado da personalidade do Zé, das cantorias noturnas e das rodadas de truço na casa de Don e Diana Sawyer. Mas a sua disciplina era lendária. Mesmo depois das boemias noturnas mais barulhentas e alcoólicas, ele nunca faltava na manhã seguinte do evento, qualquer que fosse, para acompanhar os trabalhos.

Outra característica lendária do Zé era sua aversão ao computador. Me lembro ainda de uma reunião internacional em 1988 ou 1989, em que ele fez tantas restrições ao uso do computador e dos programas "enlatados" que William Brass exclamou: "Olha Zé, a sua relutância me lembra um pouco as controvérsias do século XV, quando se debatia se era aceitável que os monges lessem livros impressos sem ter comprovado a sua capacidade de copiá-los à mão". Mas enfim, era uma excentricidade com a qual todos aprendemos a conviver. E nestes dias, em que frequentemente preciso pedir a ajuda dos mais jovens na luta com R, e em que o dilúvio dos "big data" vem aí, transformando as técnicas tradicionais de análise demográfica com as quais tanto o Zé como eu nos formamos, até vejo o seu receio com mais simpatia. Da mesma forma, Zé não era muito chegado a grandes modelagens matemáticas, preferindo o valor da intuição e da simplicidade do raciocínio. Nunca foi um obstáculo para que ele pudesse sempre identificar a essência dos problemas.

Tanto o Zé como eu fomos o produto de um tempo em que ainda era possível transitar numa variedade de temas demográficos, sem a pressão que existe hoje para uma especialização prematura, em função da necessidade de encontrar um nicho seguro para publicar. Certamente isso valia para Zé, que fez contribuições na área de mortalidade, fecundidade, transição demográfica, demografia econômica e migrações. Nos anos 1980, até consideramos a possibilidade de publicar um livro didático para cobrir as diferentes áreas de demografia, um desejo que só se concretizou recentemente e que ainda se beneficiou das suas contribuições técnicas e do seu apoio moral.

¹ Consultor independente, ex-funcionário do UNFPA.

Mas o que mais me impressionava nele era a sua vocação diplomática. Como bom mineiro, ele sempre conseguia reconciliar as partes, até em situações delicadas. Não faltaram controvérsias sobre a natureza do ensino e da pesquisa em demografia e estudos de população, bem como interpretações divergentes sobre a natureza da transição demográfica no Brasil, particularmente nos anos 1970 e 1980, mas o Zé, apesar da força das suas convicções, sempre conseguiu o respeito de todos os lados. Da mesma forma, nas rivalidades dentro da comunidade demográfica do país e particularmente na ABEP, ele sempre era o intermediário e conciliador que todos reconheciam como o legítimo árbitro.

Apesar da sua fama como decano da demografia brasileira e o primeiro presidente brasileiro da IUSSP, ele nunca abandonou aquele ar simples de caipira de São Vicente. Foram atitudes e características como estas que lhe permitiram agregar talentos e construir uma instituição da qualidade do Cedeplar. Claro, ele podia contar com uma conjuntura dos anos 1970 e 1980 que foi muito mais favorável à construção de um programa deste tipo do que a situação desesperadora que a universidade brasileira atravessa neste momento. Mas estou convencido de que, sem a capacidade do Zé para juntar forças e superar conflitos, o Cedeplar não seria o que hoje é. Atualmente, há várias gerações de demógrafos no Brasil e – em alguma medida – na América Latina e nos países lusófonos da África que devem a sua formação demográfica a ele e à instituição que ele criou. Todos sentiremos a sua falta.